

# **JEREMIAS – PELE: AS SOMBRAS DO INTERDITO**

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS/UFMS/NuPeQ/ASPAS//  
ABRAFIL)<sup>1</sup>

## **RESUMO:**

Apesar do preconceito contra as histórias em quadrinhos, elas conseguem captar as questões que estão em discussão na sociedade e ampliá-las para leitores de todas as faixas etárias, especialmente os mais jovens no Brasil. Nesse sentido, a coleção Graphic MSP, criada em 2012, trazendo discussões como divórcio, preconceito racial, amizades profundas entre outros temas. Uma dessas obras é “Jeremias – Pele”, de Rafael Calça e Jeferson Costa, que aborda o racismo estrutural. O impacto de sua publicação foi tanto, que ela foi adotada em escolas e ganhou prêmio. A partir disso, o presente trabalho visa investigar o discurso racista em “Jeremias – Pele” a partir do interdito, ou seja, aquilo não dito por ser proibido de forma tácita, velada, e daí o diálogo, a linguagem como forma de expressar tais sentimentos, se transforma em um dito. Para a presente análise sobre a manifestação do interdito usamos autores como Silva (2008), Tfouni (2008), Wense (2015) e Chinen (2009).

**Palavras-chave:** Quadrinhos; Interdito, Racismo.

## **JEREMIAH - SKIN: THE SHADOWS OF THE INTERDICT**

### **ABSTRACT:**

Despite the prejudice against comic books, they manage to capture the issues that are under discussion in society and broaden them to readers of all age groups, especially the younger ones in Brazil. In this regard, the Graphic MSP collection, created in 2012, brings to light discussions such as divorce, racial

---

1- Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pós-Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professor da graduação e dos programas de pós-graduação em Letras (Mestrado Profissional e Mestrado Acadêmico) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), líder do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ), diretor da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS) e membro da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL, cadeira 9). E-mail: [nataniel@uems.br](mailto:nataniel@uems.br)

prejudice, deep friendships and other themes. One of these works is “Jeremias - Pele”, by Rafael Calça and Jeferson Costa, which deals with structural racism. The impact of its publication was such that it was used by schools and won an award. Based on this, this work aims to investigate the racist discourse in “Jeremias - Pele” from the point of view of the interdict, i.e. what is not said because it is tacitly forbidden, veiled, and from there the dialog, the language as a way of expressing such feelings, is transformed into what is said. For this analysis of the manifestation of the interdict, we used authors such as Silva (2008), Tfouni (2008), Wense (2015) and Chinen (2009).

**Keywords:** Comics; Interdict, Racism.

“O curso de um rio, seu discurso-rio, chega raramente a se reatar de vez; um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez.” (MELO NETO, [1975])

## 1. Introdução

Desde da aprovação da Constituição em 1988, o racismo se tornou crime inafiançável. Mas o rigor da lei não acabou com o preconceito racial que muitas se manifesta de forma sutil, por meio chacotas, de estereótipos, ou mesmo com a suposta liberdade de expressão nas redes sociais que serve para colocar para fora, de forma consciente ou não, todo o ódio às minorias, seja pela cor da pele, o gênero, a ideologia ou a religião professada.

Talvez por isso seja raro encontrar histórias em quadrinhos no Brasil que tocam nessas questões. As exceções são bem recentes, como *A marcha*, que faz uma breve biografia do ativista pelos direitos civis dos negros norte-americanos John Lewis, uma obra estrangeira, e *Angola Janga*, que narra a luta no Quilombo dos Palmares, que é totalmente nacional.

Os poucos personagens em quadrinhos negros quase sempre estão relegados a viverem histórias como personagens secundários e de pouca expressão, exceto se ele for inspirado em alguma celebridade, como os jogadores de futebol Pelé, Ronaldinho Gaúcho e Neymar. Em 2018, mesmo

ano do lançamento do filme com sucesso estrondoso do Pantera Negra, herói negro da Marvel nos cinema, isso mudou quando apresentou uma contribuição com a publicação de *Jeremias – Pele*, de Rafael Calça e Jefferson Costa. Era o 18º álbum do selo *Graphic MSP*, uma obra que transcende o entretenimento, mas busca denunciar o racismo, sem falso moralismo, tocando em preconceitos cotidianos, como aquele que enxerga o negro em funções socialmente menores e as brincadeiras de mau gosto. Nesse sentido, a revista cumpre um papel de conscientização para jovens e adultos, com várias camadas de leitura, principalmente devido ao seu alcance e a linguagem acessível.

Assim abordaremos o cenário e as ações representadas na história, que contam uma história a parte, como as sombras que aparecem em determinadas cenas, representando diálogos que quase sempre são silenciados no cotidiano.

## 2. Graphic MSP

*Graphic Novel* é um termo para designar um tipo de história em quadrinhos que é publicado em formato de livro, que pode incluir ficção, não ficção ou antologias. Normalmente, as histórias em quadrinhos que o grande público tem mais acesso é periódica. O termo *graphic novel* acabou sendo immortalizado pelo quadrinista Will Eisner com a publicação de *Um contrato com Deus*, em 1978, estampado na capa da obra, que apontava para um estilo de história mais madura, focado no cotidiano das pessoas. As *graphic novels* de Eisner apresentavam situações marcadas pela angústia e pelos sentimentos variados, que tornavam os personagens tão identificados com a realidade da maioria dos leitores. Por causa disso, os quadrinhos deixaram os “guetos” das leituras para jovens e para o entretenimento, unindo poesia, filosofia e qualidade literária e outras áreas, para mostrar que os textos que as histórias que usavam da linguagem verbal e não verbal não são exclusividade do público infantil. A partir desse momento, o termo passou a ser usado para distinguir esse tipo de história fechada, voltada para um público mais maduro dos quadrinhos mais tradicionais.

No Brasil, tem-se o caso do cartunista Mauricio de Sousa que conseguiu criar uma indústria de histórias em quadrinhos, que fazem parte do imaginário da maioria dos brasileiros, com versões em jogos, passatempos, desenho animados e filmes para o cinema, ao ponto de ser comum encontrar pessoas que afirmam terem sido alfabetizadas lendo suas histórias. Em 2009, surgiu o projeto *MSP 50* para celebrar cinquenta anos de carreira de Mauricio de Sousa, com cinquenta artistas brasileiros para revisitar e reimaginar as criações do artista. Como a obra foi bem-recebida pelo público foram lançados mais dois livros, em 2010, o *MSP+50*, e em 2011, *MSP Novos 50*.

Depois da semente plantada com *MSP 50*, Mauricio de Sousa resolve se arriscar no formato popularizado por Eisner em nosso mercado, anunciando as chamadas Graphic MSP (Graphic Mauricio de Sousa Produções), com obras de inicialmente 72 páginas, que trariam histórias únicas. O responsável pela empreitada foi Sidney Gusman, editor do estúdio responsável pela Turma da Mônica. O objetivo foi lançar olhares diferenciados sobre os personagens que encantaram inúmeros leitores, durante décadas, com liberdade criativa, mas mantendo a essência de cada um deles.

Finalmente, em 2012 foi lançada a primeira obra, *Astronauta – Magnetar*, de Danilo Beyruth e Cris Peter. Dai em diante a coleção foi crescendo e agora são quatro lançamentos por ano, que já totalizam 26. Começando pela aventura *Astronauta – Magnetar*, de Danilo Beyruth e Cris Peter (2012), passando pelas relações de amizade profunda entre as crianças em *Turma da Mônica – Laços*, de Lu Cafaggi e Vitor Cafaggi (2013), o humor nonsense de *Chico Bento – Pavor Espacial*, de Gustavo Duarte (2013), problemas familiares, como o divórcio, em *Mônica – Força*, de Bianca Pinheiro (2016), entre outros.

A coleção que já teve livros que receberam vários prêmios, incluindo, o Jabuti, foi adotada em diversas escolas pelo país, adaptada para o cinema e está sendo preparada para a TV.

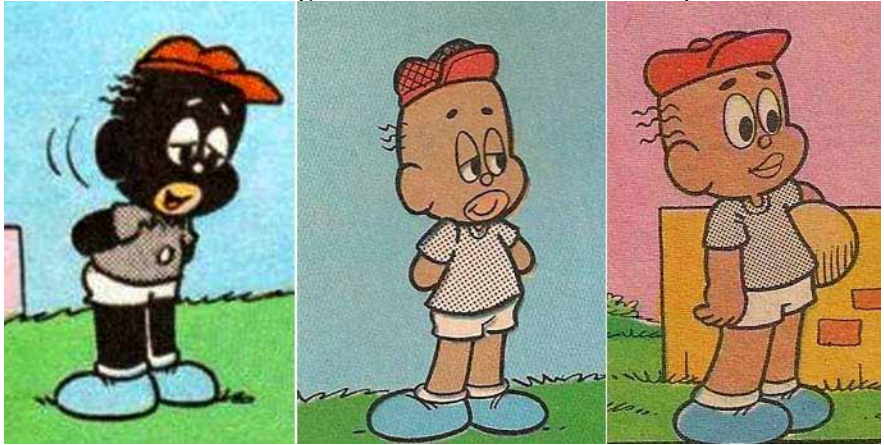
Nobu (2019) aponta que há uma crescente, mas ainda insuficiente presença de artistas negros no quadrinhos. Apesar disso, já uma influência que

se faz notória em sua representação, recuperando o seu papel tão importante na formação do país. Alguns nomes que conseguiram destaque são Marcelo D'Saleta, Maurício Pestana, Rafael Calça e Jefferson Costa, os dois últimos são os autores responsáveis por *Jeremias – Pele*, que será o foco do trabalho.

### 3. Jeremias – Pele: contextualização e impacto

O personagem Jeremias foi criado em 1960, mas sempre figurou como personagem secundário ou coadjuvante nas histórias da Turma da Mônica. Na época, ele trazia como característica a *blackface*, ou seja, um estilo que começou no teatro, utilizado para retratar personagens negros de forma exagerada, cuja origem está na maquiagem usada por atores brancos que viviam personagens negros, feita com carvão de cortiça. Fazia-se um círculo ao redor dos lábios para representá-lo como grossos, sendo pintado por alguns de vermelho. Alguns artistas chegavam a usar luvas brancas para fazer contraste com a pintura preta aplicada no rosto. A prática era muito popular no século XIX e contribuiu ainda mais para o estereótipo do negro, principalmente no ambiente do *minstrel show* ou *minstrelsy*, espetáculo de teatro popular com quadros cômicos, variedades, dança e música, comuns depois da Guerra Civil norte-americana. No início do século XX, tornou-se um gênero teatral próprio até que, graças às lutas do movimento dos direitos civis dos negros norte-americanos, foi encerrado nos anos 1960.

Com o passar do tempo Jeremias perdeu esses traços exagerados, assim como outros personagens criados por Maurício de Sousa. Abaixo ilustrações das mudanças na concepção do personagem desde sua origem na Turma da Mônica, inclusive, com a mudança na cor utilizada e nos lábios do personagem, mas mantendo o seu boné / boina como característica.

**Imagem 1** – Jeremias através do tempo

**Fonte:** *GaúchaZH*: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/beleza/noticia/2017/06/representatividade-turma-da-monica-tera-familia-negra-entre-os-personagens-principais-cjpk6kfu80012drcn1blih7t5.html>

A partir dos anos 2000, algumas histórias clássicas foram republicadas, mas com a mudanças dos traços, conforme mostrado abaixo:

**Imagem 2** – A mesma história do Pelezinho publicada em dois momentos distintos



**Fonte:** Wense (2015, p. 31)

A história narra um momento na vida de Jeremias, primeiro personagem negro de Mauricio de Sousa, quando começa a encarar o preconceito racial pela primeira vez. Foi o primeiro volume da coleção a abordar o racismo. A *graphic novel* foi desenvolvida por dois autores negros. Segundo o *podcast Confins do Universo*, do site Universo HQ, o editor da série, Sidney Gusman, fez questão que o texto da quarta capa fosse feito pelo rapper Emicida, mesmo com os prazos apertados para o lançamento, sendo a única vez que foi para a gráfica com um texto provisório, aguardando a do rapper para ser inserido nas provas dos originais.

A obra foi desenvolvida por Rafael Calça e Jefferson Costa. Rafael Calça fez ilustrações para diversos livros e revistas. Em 2013, lançou a HQ *Dueto*. Foi roteirista das *graphic novel* *Jockey* (2015), *Crônicas da terra da garoa* (2016) e já citada *Jeremias – Pele* (2018). Ele foi responsável pelo roteiro da HQ de apresentação da personagem Milena e sua família, a primeira personagem negra feminina, publicado em janeiro de 2019 na série mensal da

Turma da Mônica.

*Jeremias – Pele* recebeu o Troféu HQ Mix como “melhor edição especial” e como “melhor publicação juvenil”. Além disso, ganhou o Prêmio Jabuti na categoria “Histórias em Quadrinhos”. O roteirista Rafael Calça foi contemplado como “melhor roteirista” com o Prêmio Angelo Agostini. Também foi a primeira obra da coleção Graphic MSP a entrar para a lista de mais vendidos do *Publish News*. O livro ficou em terceiro lugar na categoria de Ficção, perdendo apenas para Augusto Cury, o escritor brasileiro que mais vende em nosso país, com dois livros naquele momento *O homem mais feliz da história* e *O homem mais inteligente da história*. Além disso, utilizado como material paradidático em diversas escolas no país, em 2019 foi anunciado que o personagem receberia, em breve, uma série *live action* para a TV.

#### **4. Análise da *graphic novel* *Jeremias – Pele***

A seguir apresentaremos uma proposta de análise de *Jeremias – Pele*, a partir das questões ligadas ao preconceito sistêmico em nosso território nacional, dividindo em dois tópicos *Sobre preconceitos e sonhos* e *O dizer das sombras*. O primeiro apresentará a discussão sobre o preconceito explícito na história e o segundo, como ele se manifesta em um nível contado pelas sombras retratadas na narrativa.

##### **4.1. Sobre preconceitos e sonhos**

Logo no início da obra, no prefácio de *Jeremias – Pele*, Maurício de Sousa, criador do personagem, diz:

Logo que o roteiro e os esboços me iam sendo apresentados, tive uma sensação: os dois colocaram o coração naquelas cenas (...) Pele me ajudará, inclusive, a corrigir uma injustiça histórica: apesar de ser um de meus primeiros personagens, o Jeremias nunca havia protagonizado uma

revista sequer. E o faz, agora, em grande estilo (SOUSA, 2018, p. 7)

É importante destacar que desde sua criação, Jeremias nunca esteve em capa de nenhuma revista da Turma da Mônica, questão revertida com *Jeremias – Pele*. Assim, a história tem um papel de romper com aquilo que não pode ser dito,

Romper o racismo e o interdito de se falar sobre, pode significar trincar ou, quiçá, dismantelar um modelo discursivo hegemonicamente aceito e que marca “significativamente o inconsciente e o imaginário coletivo do povo brasileiro”: o de que o Brasil é uma nação inclusiva, harmônica e racialmente democrática (COSTA, 2015, p. 151)

O rapper Emicida faz um testemunhal que revela a identificação com a história em seu cotidiano: “A ausência de referências positivas nos rouba o direito de imaginar, estabelece um teto para nossos sonhos. Minhas lágrimas correram pelo rosto ao ler “Jeremias – Pele”. Eu a vivi inteira tantas vezes...” (EMICIDA, 2018, p. 96)

Ao apresentar Jeremias a obra foge do estereótipo do negro favelado. O menino vive com os pais em uma família de classe média, o que não evita que seja vítima de preconceito na sociedade e começa a se identificar como indivíduo em comunidade, o que o leva a perceber que, em seu cotidiano, ele precisa lidar com questões que seus colegas brancos não vivenciam, como pessoas olhando para uma família negra saindo de uma sessão no cinema, de uma jovem que prende a bolsa ao corpo ao passar um por grupo de negros na rua ou de uma moça que não quer sentar ao lado de um jovem negro no ônibus e prefere ficar em pé.

Para o leitor mais familiarizado com a coleção é possível notar referências como o destaque para o personagem Astronauta, que lançou a

coleção, e a aparição da escola que a Turma da Mônica estuda na *graphic novel* *Lições*. Se por um lado a história parece se inserir em um universo maior de referências de outras obras, por outro, existem referências ao mundo real e à cultura negra, como a Estátua da Mãe Preta e o Monumento a Zumbi dos Palmares, ambos na capital de São Paulo, SP, conforme destacamos abaixo.

Imagens 3 e 4 – Monumentos retratados na *graphic novel*.



Fonte: *Jeremias – Pele* (2018, p. 60).

A versão apresentada em *Jeremias – Pele* retoma a boina vermelha que faz parte do cânone do personagem, conforme foi mostrado na Figura 1, a qual foi recebida de seu avô.

Sobre o preconceito, ele se manifesta desde “brincadeiras” entre os amigos, que dizem que por causa do seu cabelo crespo, não precisaria de capacete para ser astronauta, sonho do protagonista. As mesmas crianças que praticam *bullying*, depois afirmam que não queriam ofender, o que mostra o preconceito racial como sistêmico na sociedade, atingindo do mais jovem aos mais velho, em todas as classes sociais.

Para Wense,

Os impactos do racismo em uma criança podem ser muito graves, devido não só a sua fragilidade emocional, mas também porque a criança ainda está desenvolvendo tanto a visão que ela tem das outras pessoas quanto a que tem de si mesma. Uma criança que sofre um ato de preconceito ou discriminação pode começar a alimentar uma imagem negativa de si mesma e de outros semelhantes a ela. É importante não só educar desde cedo a pessoa para respeitar as diferenças dos outros, como também ensinar a se proteger caso um dia sofra um ato de preconceito. (WENSE, 2015, p. 18)

Conforme Foucault (2012), discurso não é uma conexão lógica de frases e palavras que buscam um significado por si só. O discurso é um instrumento de organização funcional que anseia estruturar certo imaginário social, aqui a questão do preconceito: “o discurso, longe de ser ... elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica ... um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 2012, p. 9).

**Imagem 5** – Um exemplo de piadas preconceituosas por parte dos amigos de Jeremias durante uma visita ao museu.



**Fonte:** *Jeremias – Pele* (2018, p. 28).

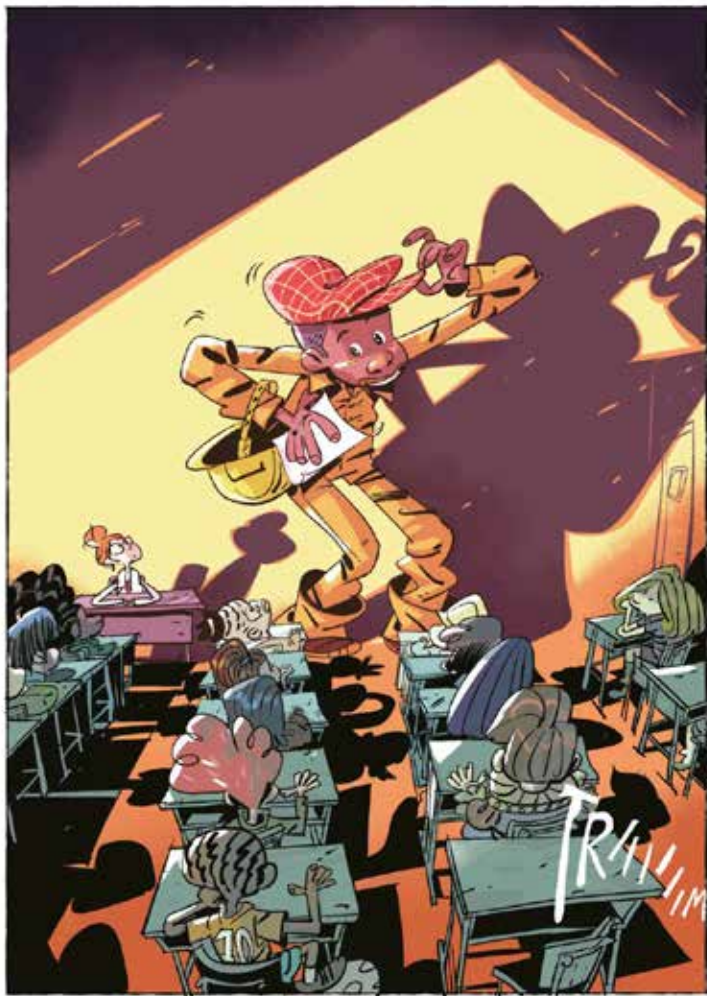
Na escola, Jeremias ao ser perguntado pela professora quais as profissões que cada um gostaria de exercer, ele diz que sonha em se tornar astronauta, o que é motivo de riso entre os colegas. A professora sugere uma atividade em que cada aluno deve apresentar uma profissão, previamente escolhida por ela. Ela define que Jeremias deveria interpretar um pedreiro, reforçando a imagem de que o negro tem pouca chance de ascensão social. O personagem fica chateado com a escolha, mas descobre a profissão de seu avô, pelo qual nutre grande orgulho, e faz uma apresentação sem vergonha, expõe a atitude da professora e “cresce” e se torna um “gigante” em relação aos outros, acima de todas as situações adversas e apesar de todas as atitudes preconceituosas. A imagem é retratada com enquadramento tipo *contra-plongée*, como se houvesse uma câmera abaixo do nível dos olhos, voltada para cima. Durante a sequência, ele troca o capacete de pedreiro pela boina que havia ganhado do avô, reforçando o orgulho que tinha do parente, conforme podemos ver nas imagens abaixo:

**Imagens 6 e 7** – A apresentação de Jeremias na escola e o constrangimento da professora.



**Fonte:** *Jeremias – Pele* (2018, p. 72).

**Imagem 8** – Durante a apresentação para os colegas de sala de aula, Jeremias é representado como um gigante ao falar de uma profissão pouco valorizada. A cena ocupa uma página inteira.



**Fonte:** *Jeremias – Pele* (2018, p. 74).

Outro momento marcante da narrativa mostra o pai de Jeremias sendo revistado por policiais com as armas em mãos. Ele precisa provar a inocência mostrando a carteira de trabalho, têm seu tubo porta projeto revistado com

todo o material jogado no chão e ao final da sequência os PMs saem com um sorriso, como se aquela atitude de abordagem truculenta tivesse sido natural.

### Imagens 9 – 12 – A abordagem policial ao pai de Jeremias



Fonte: *Jeremias – Pele* (2018, p. 47-49).

O pai de Jeremias por saber de sua condição desfavorável diante de uma sociedade preconceituosa, sabe que o filho passará por diferentes desafios em relação a uma criança branca. Por isso, ele tem uma explosão, representada por um único balão de fala, como se ele “vomitasse” todo seu discurso quase cruel para proteger o filho em uma sociedade que vê a cor da pele, naquele típico momento que não se usa o filtro das palavras e se despeja tudo sobre a criança, o que o leva a pedir desculpas posteriormente, conforme imagem abaixo:

**Imagens 13** – A ira do pai depois da abordagem policial, numa tentativa de evitar que o filho passe pelas mesmas coisas que ele



**Fonte:** *Jeremias – Pele* (2018, p. 32).

Não é apenas sobre o preconceito que *Jeremias – Pele* aborda, longe de desencorajar, fala sobre sonhos, sobre fazer e sobre ser, sem se considerar pior ou melhor, em uma batalha desigual, em que a sabedoria é representada pela boina, passada de geração em geração, como o avô do protagonista que já havia passado por isso.

Jeremias sonha em ser astronauta, seus olhos brilham ao ver o lançamento, e quando ele descobre que o chefe da agência brasileira que faz missões espaciais é negro, ele toma a posição de herói da vida real, deixando os personagens de histórias em quadrinhos, inclusive, influenciando o seu corte de cabelo. Conforme imagens abaixo:

**Imagens 14 – 16** – A descoberta de Jeremias de um novo herói, agora de carne e osso.



14.



**Fonte:** *Jeremias – Pele* (2018, pp. 14, 66 e 67).

#### 4.1. O dizer das sombras

A seguir analisaremos algumas sequências em que a narrativa segue por um determinado caminho, mas os artistas acrescentam uma outra história que aparece nas sombras e mostra algo muito diferente, que alguns leitores nem sempre conseguem perceber. Logo, percebe-se que “a presença textual da realidade tem um poder amalgamador com o intérprete.” (DUSILEK e DREHER, 2018, p. 15). Para analisar essa forma de narrativa, levaremos em

conta certas tipologias literárias, que Francisco Bosco, colunista do *site* da *Revista Cult*, apresentou aos descrever quatro tipos de não ditos. Entre eles destacamos, o *não dito dito*:

Ou seja, o que parece que é não é, e o que não parece que é é, e quem se supunha estar num lugar, na verdade, está no lugar oposto. Toda essa complexidade é apreendida de uma cena brevíssima, de um complexo de relações do sujeito com os outros e do sujeito consigo mesmo, complexo que se encontra latente, até que a escrita o explicita. Trata-se aí, portanto, de um não dito que é dito, de um trazer à tona o não dito – que, entretanto, na superfície se transforma: vira o dito.

Assim, na cena descrita anteriormente em que Alexandre, pai de Jeremias, é abordado pela polícia, pode-se notar que a truculência não se manifesta apenas pela forma como a ação é feita, mas na sombra que se assemelha a uma garra pegando um animal indefeso e desprevenido, enquanto falava ao celular com a esposa, Carol.

### Imagens 17 – A sombra da mão do policial durante a abordagem.



Fonte: *Jeremias – Pele* (2018, p. 46).

Na sequência acima, toda a violência policial é prefigurada em uma sombra mostrando o que ainda estava por vir, sem nenhuma empatia pelo outro. Assim, “o esquema ‘dizer x para não dizer y’ aponta para a necessidade da enunciação em se constituir a partir da exclusão de outros sentidos possíveis” (TFOUNI, 2008, p. 363). Logo, a *graphic novel* opta por contar alguns sentimentos e impressões por meio de sombras.

Para Silva,

A afirmação de que os sentidos estão para além do que se encontra explícito no texto, traz consigo a necessidade de se considerar que as palavras ganham sentido a partir das posições em que são empregadas, ou seja, desde as formações discursivas nas quais são produzidas. De acordo com Pêcheux (1997), a formação discursiva compreende o lugar de construção dos sentidos, determinando o que “pode” e “deve” ser dito, a partir de uma posição, numa dada conjuntura. Portanto, é nas entrelinhas, nos interdiscursos, nos desvãos entre o dito e o não-dito, que se encontra a formação discursiva. (SILVA, 2008, p. 40)

Seguindo esse percurso, aquilo que fica nas entrelinhas da narrativa, ganha contornos não verbais por meio das sombras, criando uma segunda abordagem, que não pode ser colocada de forma explícita no texto ou discurso. “tendo em vista a impossibilidade de o discurso abranger uma enunciação completa, entende-se que o não-dito é constituinte, é fundador do discurso.” (SILVA, 2008, 43)

Mais adiante na história, depois que Jeremias briga na escola, por receber ofensas raciais, entre elas por causa do seu cabelo crespo, seu pai o repreende de forma muito dura, conforme foi comentado anteriormente. A criança chora sem entender e vai dormir no quarto, em posição fetal. Ao acordar, depois de um pesadelo, ele resolve cortar o cabelo com a máquina e vai tomar café da manhã com seus pais. Eles o veem com o cabelo cortado cheio de “caminhos-de-rato”, ou seja, um corte mal-feito e amador, que deu

errado. Apesar de todo empoderamento dos pais, que têm orgulho do tipo físico, do corte de cabelo, do visual, eles percebem que o menino não aceita bem e está sofrendo com isso. Diante da cena, eles ficam perplexos, mas a sombra mostra o corpo deles curvado, como se estivessem sentindo muita dor e um peso grande sobre eles. Se na cena principal eles estão sentados eretos e afastados pela distância da mesa, na sombra eles estão com as cabeças se tocando.

**Imagem 18** – O café da manhã com os pais depois da discussão.



**Fonte:** *Jeremias – Pele* (2018, p. 59).

A sequência faz com que Jeremias passe a usar a boina do avô para esconder o cabelo, até que ele vê a capa de uma revista que apresenta o comandante da missão espacial, que é negro, e serve de inspiração para seu novo corte de cabelo, conforme já foi dito acima.

E por fim, a última imagem da história: Jeremias caminhando com os pais de mãos dadas. Suas sombras estão do mesmo tamanho. Jeremias amadureceu, mudou seus heróis, passou a se aceitar, descobriu que não é melhor nem pior do que ninguém, por causa da diferença da cor da pele. Se

os pais falavam no início da história do orgulho que tinham da sua identidade, aqui o jovem toma consciência da importância disso.

**Imagens 19 e 20** – Dois momentos que retratam as sombras de Jeremias com os pais por meio das sombras.



**Fonte:** *Jeremias – Pele* (2018, pp. 61 e 87).

Devido ao preconceito não há possibilidade de dizer o que se gostaria verdadeiramente. A impossibilidade se dá por causa das relações de poder, dos limites impostos culturalmente, das crenças e das desigualdades econômicas, o não dito se torna, portanto, o “interdito”, isto é, algo que é proibido de forma tácita, velada, e daí o diálogo, a linguagem e, no caso de *Jeremias – Pele*, as sombras que marcam as relações interpessoais que não podem ser colocadas de forma explícita.

## 5. Considerações finais

Além de sua relevância para combater o preconceito racial, *Jeremias – Pele* foi capaz de desmistificar uma lenda que circula no mercado editorial de que livros com negros na capa ou com temáticas negras vendem pouco, mostrando o potencial mercadológico de tais publicações.

A *graphic novel* tem sido utilizada em diversas escolas em todo o país como material paradidático para discutir o preconceito racial cotidiano,

que pode se manifestar de forma súpil ou mesmo de forma agressiva. A leitura do livro pode ser feita por diversos públicos, com níveis mais profundos e detalhados de acordo com o público e a bagagem de cada um.

O discurso pode ser um instrumento para reverter uma estrutura social perversa que é responsável pela manutenção de valores racistas ou pela validação dos mesmos, a disseminação ou questionamento dos mesmos, até que se tornem oficialmente aceitos ou rejeitados.

Existem muitas possibilidades de análise sobre os sentido na obra selecionada que ainda podem ser realizadas. O que pretendemos aqui, foi abrir uma análise sobre as questões ligadas ao preconceito racial por meios de histórias em quadrinhos, focando especificamente em uma *graphic novel* que foi sucesso de vendas, sem esgotar o tema em seu objeto, que é inesgotável. Existem outros recortes que ainda podem ser feitos para outras análises, que podem abordar por exemplo, a questão da ideologia.

Assim aquilo que se diz ou não fazem parte dos processos do discurso da obra analisada, com muitos movimentos a serem discutidos e compreendidos. Convém lembrar que não é um discurso militante, mas que se sustenta por uma memória retomada por elementos que estão construídos no cotidiano dos leitores, exteriorizando sentidos e ideologias, indo além do escrito.

Embora seja comum afirmar que o verbal se sobrepõe ao não verbal, o que vimos na história mostra uma relação de completude para a narrativa, muitas vezes marcada pelo não dito dito, que está associado ao não uso de palavras, parecendo algo negativo. Mas, na verdade, o não dito dito e o interdito trazem significação de uma outra forma a partir da constituição de sentidos da história, em que um lugar diferenciado permite a sua significação, ou seja, nas sombras. Ali os sentidos são atualizados e é feita uma outra narrativa.

Aguardemos que novas obras consigam continuar o trabalho iniciado em *Jeremias – Pele*, talvez com ainda mais ousadia.

## 6. Referências bibliográficas

BOSCO, Francisco. *Quatro tipos de não ditos*. In. Revista Cult. Edição on-line. <https://revistacult.uol.com.br/home/quatro-tipos-de-nao-dito/> acesso em 6 de maio de 2024.

BUCHMANN, Duda. Representatividade: Turma da Mônica terá família negra entre os personagens principais. In. GaúchaZH. Edição de 19/07/2017 on-line. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/beleza/noticia/2017/06/representatividade-turma-da-monica-tera-familia-negra-entre-os-personagens-principais-cjpk6kfu80012dren1blih7t5.html> Acesso em 6 de maio de 2024.

CALÇA, Rafael e COSTA, Jefferson. *Jeremias – Pele*. Barueri, SP: Panini Books, 2018.

CHINEN, Nobu. *O Negro nos Quadrinhos do Brasil*. São Paulo, SP; Editora Petrópolis, 2019.

COSTA, Eliane Silvia Costa. Racismo como metaenquadre. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p. 146–163, dez. 2015.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves e DREHER, Luis Henrique. *Bíblia e modernidade – a contribuição de Erich Aeurbach para sua recepção*. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MELO NETO, João Cabral de. Rios sem discurso [1975]. Disponível em: <<http://www.consciencia.net/artes/literatura/neto/rios.html>>. Acesso em: 21 maio 2024.

SILVA, Obdália Santana Ferraz. Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem. *R. Faced*, Salvador, n.14, p.39-53, jul./dez. 2008.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani. O interdito e o silêncio: duas abordagens do impossível na linguagem. In. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 8, n. 2, p.

353-371, maio/ago. 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro. Um artista completo das histórias em quadrinhos: Will Eisner e seu legado para a 9ª Arte. In. *Revista Cajueiro*, v. 1, n.1, p. 227-266, nov. 2018

WENSE, Henrique Sampaio. A imagem do negro nos quadrinhos e nas produções audiovisuais infanto-juvenis. Projeto experimental em audiovisual. UnB, Faculdade de Comunicação, Brasília, 2015